INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, PSICOLOGIA E TRABALHO: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E DECOLONIAL

Autor(res)

Ana Gabriela Rosa De Andrade Asevedo
Marina Neves Cintra
Natasha Pereira Barbosa

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA FRANCA

Introdução

A expansão da Inteligência Artificial (IA) tem provocado profundas transformações em diferentes setores, incluindo a psicologia e o mundo do trabalho. Ferramentas baseadas em IA oferecem possibilidades inovadoras de intervenção terapêutica, como monitoramento remoto de saúde mental e apoio a diagnósticos clínicos, bem como otimização de processos e tomada de decisão em ambientes laborais (BARBALHO; SANTOS, 2020; FREY; OSBORNE, 2017). No entanto, essas tecnologias não são neutras, estando imersas em estruturas de poder e interesses hegemônicos que podem reproduzir desigualdades sociais e limitar o acesso de populações marginalizadas (MIGNOLO, 2007; QUIJANO, 2005).

Na psicologia, a incorporação de IA suscita desafios éticos complexos, relacionados à privacidade, sigilo e responsabilização profissional, exigindo reflexão crítica sobre os limites e riscos dessas ferramentas (CFP, 2023). No mundo do trabalho, a automação e os algoritmos podem aumentar a produtividade, mas também exacerbar a exclusão digital, impactando profissionais que não possuem acesso a tecnologias ou habilidades digitais avançadas (FREY; OSBORNE, 2017).

Diante desse cenário, torna-se necessário adotar uma perspectiva decolonial, entendida como uma abordagem crítica que busca problematizar o caráter universalizante do conhecimento e valorizar saberes locais e plurais (MIGNOLO, 2007). A aplicação dessa perspectiva permite não apenas identificar os riscos da IA, mas também refletir sobre como essa tecnologia pode ser ressignificada em favor da inclusão, equidade e justiça social.

O presente trabalho, portanto, propõe uma análise qualitativa e bibliográfica sobre os impactos da IA na psicologia e no trabalho, com enfoque em aspectos éticos, sociais e decoloniais, contribuindo para a compreensão crítica de como essas tecnologias podem transformar práticas profissionais e relações sociais de maneira responsável e inclusiva (ARAÚJO; BORBA, 2004; GIL, 2008).

Objetivo

Analisar criticamente os impactos do uso da Inteligência Artificial na psicologia e no mundo do trabalho, destacando questões éticas, de acesso e as implicações de uma abordagem decolonial.

Material e Métodos

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa, considerando que o conhecimento produzido carrega sempre um aspecto subjetivo (ARAÚJO; BORBA, 2004). A pesquisa é realizada por meio de revisão bibliográfica, método que se baseia na análise de material já produzido, como livros, teses, dissertações e artigos científicos, permitindo a compreensão e interpretação crítica de fenômenos e conceitos (GIL, 2008).
A análise dos conteúdos será conduzida sob uma perspectiva decolonial, entendida não apenas como um adjetivo teórico, mas como um critério ativo de seleção, leitura e interpretação das fontes (MIGNOLO, 2007; QUIJANO, 2005). Essa abordagem busca problematizar a reprodução de desigualdades no acesso às tecnologias e nas formas de produção do conhecimento, desafiando o caráter universalizante dos discursos hegemônicos.

Resultados e Discussão

O avanço da Inteligência Artificial (IA) tem gerado transformações significativas na psicologia e no mundo do trabalho, levantando questões éticas, sociais e epistemológicas. Na psicologia, a IA é empregada em diversas práticas, desde aplicativos de monitoramento de saúde mental até sistemas de apoio a diagnósticos e intervenções terapêuticas. Embora esses recursos possam ampliar o acesso a serviços psicológicos, eles também colocam desafios relacionados à privacidade, sigilo e responsabilização profissional (BARBALHO; SANTOS, 2020). Além disso, a dependência de algoritmos desenvolvidos por grandes corporações levanta questões sobre a neutralidade do conhecimento e a reprodução de vieses sociais incorporadas nos dados utilizados para treinar sistemas de IA.
No contexto laboral, a IA tem potencial para otimizar processos, aumentar a produtividade e apoiar a tomada de decisão. No entanto, a automação também tende a exacerbar desigualdades, afetando trabalhadores que não têm acesso a habilidades digitais avançadas ou que atuam em setores vulneráveis à substituição tecnológica (FREY; OSBORNE, 2017). A análise crítica sob uma perspectiva decolonial permite compreender que a tecnologia não é neutra: ela carrega valores, pressupostos e estruturas de poder que refletem interesses hegemônicos e podem reproduzir a exclusão histórica de populações marginalizadas (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2007).
A aplicação de uma perspectiva decolonial na avaliação do uso da IA na psicologia e no trabalho envolve problematizar tanto a distribuição desigual de acesso à tecnologia quanto os discursos que apresentam a IA como solução universal. Conforme Mignolo (2007), uma abordagem decolonial desafia o caráter universalizante das narrativas dominantes, incentivando a valorização de saberes locais e plurais. Nesse sentido, a crítica não se limita a identificar problemas éticos, mas busca propor formas de ressignificação da tecnologia, promovendo inclusão e justiça social.
O Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2023) também tem se posicionado quanto ao uso de IA em práticas psicológicas, enfatizando a necessidade de respeito ao sigilo, à ética profissional e à proteção de dados pessoais. Esses posicionamentos indicam que o campo da psicologia reconhece os riscos de uma implementação acrítica da IA e reforça a importância de um olhar reflexivo, que combine inovação tecnológica com responsabilidade social.
Portanto, a discussão sobre IA em psicologia e no mundo do trabalho não se restringe à análise técnica, mas demanda uma reflexão crítica que integre ética, acesso e perspectiva decolonial. A revisão bibliográfica realizada evidencia que, apesar do potencial transformador da IA, seu uso indiscriminado pode reforçar desigualdades globais e locais. Assim, o desafio está em identificar práticas que respeitem a diversidade de experiências, promovam inclusão digital e garantam que a tecnologia seja um instrumento de emancipação, e não de exclusão (ARAÚJO; BORBA, 2004; GIL, 2008; MIGNOLO, 2007; QUIJANO, 2005).

Conclusão

As revisões realizadas em pesquisas científicas e acadêmicas indicam que o uso da Inteligência Artificial na psicologia e no mundo do trabalho apresenta potencial transformador, mas também desafios éticos e de exclusão social. Uma perspectiva decolonial revela que a tecnologia não é neutra e pode reproduzir desigualdades. Assim, é necessário promover práticas responsáveis, inclusivas e críticas, que garantam que a IA seja utilizada como instrumento de emancipação e justiça social, respeitando diversidade e ética profissional.

Referências

ARAÚJO, R.; BORBA, J. Metodologia de pesquisa qualitativa. São Paulo: Cortez, 2004.

BARBALHO, F.; SANTOS, L. Inteligência artificial e psicologia: oportunidades e desafios éticos. Revista Brasileira de Psicologia, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2020.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. Resolução sobre o uso de tecnologias e Inteligência Artificial na prática psicológica. Brasília, 2023.

FREY, C.; OSBORNE, M. The future of employment: how susceptible are jobs to computerization? Oxford: Oxford University, 2017.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIGNOLO, W. A ideia de decolonialidade. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Revista de Sociologia, n. 5, p. 33-55, 2005.